

A cobertura jornalística da Novembrada em Florianópolis¹

Anaíra Sousa de Moraes Sarmento
anairasmsarmento@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Vitória Gonçalves Pereira Greve
vitoriagreve08@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade analisar a Novembrada - revolta popular ocorrida no dia 30 de novembro de 1979 na cidade de Florianópolis considerada um marco inicial para a abertura política do país. Por meio da cobertura jornalística do movimento, buscamos refletir sobre o ponto de vista de profissionais dos diferentes veículos de comunicação (em especial televisão e impresso), tendo em vista a censura imposta na época da Ditadura Militar (1964-1985) pelo governo brasileiro. O trabalho foi construído a partir de levantamento bibliográfico, além de pesquisas em sites sobre o tema. Destacamos para tanto, os depoimentos de jornalistas que estiveram envolvidos na época.

Palavras- chave: Manifestação popular; Ditadura Militar; Cobertura jornalística; Censura

ABSTRACT: This article aims to analyze the Novembrada - popular uprising which occurred on November 30, 1979 in Florianópolis considered a starting point for political openness in the country. Through media coverage of the movement, we reflect on the point of view of professionals in different communication media (especially television and print), in view of the censorship imposed at the time of the military dictatorship (1964-1985), the government Brazilian. The work was constructed from literature survey, and research sites on the topic. To include both, the testimony of journalists who were involved at the time.

Keywords: Popular manifestation; Military Dictatorship; News coverage; censorship

A Novembrada é o nome pelo qual ficou conhecida a manifestação popular ocorrida no centro de Florianópolis em 30 de novembro de 1979. O movimento era contrário ao

¹ Artigo desenvolvido na disciplina Tópico especial - Ditadura militar, Repressão e Gênero ministrada pela professora Cristina Scheibe Wolff - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



Regime Militar implantado em 1964 no Brasil. Na ocasião, o então presidente da república, general João Baptista de Oliveira Figueiredo, foi à cidade para participar de solenidades oficiais como o descerramento de uma placa em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto e também para conhecer o projeto de criação de uma indústria siderúrgica na região, a Usina Siderúrgica Sul Catarinense (Sidersul). Essa avaliação era importante para posterior liberação de recursos financeiros necessários à sua implantação.

A visita de Figueiredo à Florianópolis, no entanto, foi planejada em um momento de grande instabilidade política e econômica do país. Na época, o Brasil vivenciava um aumento de 75% da inflação e déficit de 350 bilhões de cruzeiros². De modo geral a manifestação fora provocada pelo descontentamento quanto a Ditadura e ao alto custo de vida, embora outros fatores também estivessem envolvidos.

Dias antes de vir a Santa Catarina, o presidente Figueiredo mandou de presente uma placa de bronze em homenagem aos 90 anos da Proclamação da República, fazendo alusão a Floriano Peixoto, patrono da cidade. Para muitos moradores, isso foi um enorme insulto, pois em 1894, durante a Revolução Federalista, o "Marechal de Ferro" mandou fuzilar centenas de pessoas na fortaleza de Anahatomirim por fazerem oposição ao regime republicano, e posteriormente mudou o nome da cidade de Desterro para Florianópolis.

Outro importante fator foi a encomenda de três mil quilos de carne para o churrasco festivo organizado pelos políticos da Aliança Renovadora Nacional (Arena), programado para a visita do presidente na cidade. O fato enfureceu a população que bradou palavras de ordens como “chega de sofrer o povo quer comer” e “abaixo a exploração, mais arroz e mais feijão” durante a Novembrada.

A presença do presidente da república na cidade seria um momento importante para que um protesto contra a ditadura fosse organizado. Diante desta possibilidade, o Diretório Central de Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) organizou uma manifestação que mobilizou milhares de pessoas, entre elas, trabalhadores, donas de casa e até crianças. O movimento estudantil e grande parte da população de Florianópolis

² BALDESSAR, Maria José (Santa Catarina). **Olhares sobre a novembrada**, 2009. Disponível em <<http://antiga.cotidiano.ufsc.br/images/novembrada/>> acessado em 20/10/2013.



protestavam, principalmente, contra a censura e reivindicavam a abertura política, com eleições diretas para presidente, por outro lado exigiam melhores condições de vida, melhores salários, e o fim da ditadura.

Para melhor compreensão do tema, será aqui apresentado em que contexto a censura no Brasil foi implantada e com qual intuito. Desta forma, poderá ser analisado como as notícias sobre a Novembrada foram veiculadas, como as repressões eram realmente efetivadas e quais consequências trouxeram aos veículos de comunicação e aos jornalistas da época.

É importante ressaltar que na década de 60 havia um projeto repressivo global com o objetivo de eliminar o comunismo crescente naquele período ou qualquer tipo de “subversão” que viesse de encontro, principalmente, ao crescimento econômico do Brasil que foi implantado no país. Tal política tinha como fundamento a perspectiva da “utopia autoritária”, ou seja, qualquer ação repressiva poderia ser utilizada para impedir que a transformação da nação em um “país do futuro” fosse interrompida³. É neste período que a “segurança”, ou melhor, o sigilo de informações começa a ser cada vez mais exigido pelo Estado.

A censura foi então uma das soluções encontradas para resolver este problema. Carlos Fico explica, em sua obra “Além do Golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar”, que a censura da imprensa não era regulamentada por normas ostensivas, ou seja, era praticada de maneira acobertada, através de bilhetes ou telefonemas que as redações recebiam. Este sistema monopólico de comunicação apenas permitia a divulgação de “verdades” convenientes e rentáveis ao seu interesse⁴.

Em seu livro “*Cães de Guarda - Jornalistas e Censores, do AI-5 à Constituição de 1988*”, a historiadora Beatriz Kushnir fala sobre a participação de jornalistas trabalhando para a censura do regime, os censores. Ela ainda explica que estes eram funcionários públicos exigidos pelos militares, mas também, quando tinham de optar por uma determinada função, alguns acabavam escolhendo serem censores, pois ofereciam maior estabilidade. A pesquisadora ainda ressalta que para se adaptarem às exigências, muitas empresas começaram um processo de autocensura, no qual a própria redação se adequava às imposições da

³ FICO, Carlos. **Além do Golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Editora Record, 2004.

⁴ MORAES, Denis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Boitempo Editorial, 2013.



ditadura.⁵

Em contraponto, muitos jornalistas sofreram por tentarem burlar os métodos repressivos assumidos pelo governo, questionando os discursos hegemônicos da mídia, tentando apenas cumprir uma parte do seu papel – o de comunicar através de informações verdadeiras e de qualidades⁶ -, ou seja, exercer o seu direito, como um cidadão, de liberdade de expressão, o de “informar e ser informado”⁷. Algumas dessas histórias serão contadas neste artigo.

A MANIFESTAÇÃO

No dia 30 de novembro de 1979, o presidente chegou em Florianópolis, no aeroporto Hercílio Luz, onde foi recepcionado pelo governador Jorge Bornhausen e algumas autoridades locais. Enquanto isso, estudantes do Diretório Central da UFSC já haviam reunido cerca de três mil pessoas na Praça XV. Para formar uma frente de oposição ao presidente João Figueiredo distribuíram panfletos com palavras de ordem contra a ditadura militar e o arrocho salarial. Quando o presidente e toda a sua comitiva chegaram ao Palácio Cruz e Souza não demorou muito para a revolta eclodir.

Além de gritarem palavras de ordem, a população também segurava faixas, e em uma delas estava escrito “puxa-saco”. Tal mensagem fazia referência ao então governador Jorge Bornhausen⁸. A polícia militar tomou algumas medidas a fim de acabar com a manifestação, no entanto, foram todas ineficientes e no momento em que Figueiredo chegou à sacada para fazer seu discurso, a vaia tomou conta da praça.

As únicas palavras a serem ouvidas eram: “É mentira”. A placa em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto foi arrancada do local em que estava, mas mesmo diante de todos

⁵ KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

⁶ NEDER, Vinicius. **Jornalismo e exclusão social**: Análise comparativa nas coberturas sobre crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

⁷ MORAES, Denis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. Ibidem.

⁸ BALDESSAR, Maria José (Santa Catarina). **Olhares sobre a novembrada**, 2009. Disponível em <<http://antiga.cotidiano.ufsc.br/images/novembrada/>> acessado em 20/10/2013.



os imprevistos, a comitiva presidencial manteve a rota prevista para a visita, indo embora apenas no fim de seu percurso.

Sete estudantes foram presos e acusados de subversão. Para a Lei de Segurança Nacional da época, qualquer pessoa que manifestasse ideias contrárias ao regime político vigente poderia ser considerada “subversiva”. Nas semanas seguintes ao protesto, outras manifestações foram organizadas, sempre contando com um número grande de pessoas.

A MÍDIA E A NOVEMBRADA

Em novembro de 1979 a mídia havia preparado uma cobertura totalmente voltada para a chegada do presidente em Florianópolis, mostrando a expectativa emergente quanto ao anúncio da Usina Siderúrgica Sul Catarinense (Sidersul) que poderia ser implantada no Estado. Porém, a medida que a data da visita ia se aproximando, um cenário de muita instabilidade e preocupação se instalava na cidade. Principalmente porque alguns dias antes da visita do presidente à capital, uma representação catarinense foi à Brasília e lá recebeu a informação de que o presidente não iria se pronunciar sobre a esperada Sidersul para Santa Catarina.

O comentarista do "Jornal do Almoço" da TV Catarinense - atual Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV) de Santa Catarina - e também editor e repórter do jornal "A Semana", Moacir Pereira, ao se pronunciar sobre o assunto, reforça o clima de incerteza:

A visita presidencial a rigor tem dois cenários totalmente diferentes. Um, o oficial, com comemorações, faixas, bandeiras, fogos de artifício, balões para homenagear o presidente. O outro cenário, captado em setores políticos e da população, demonstra um certo descontentamento com as últimas ocorrências em Florianópolis e no resto do país. (PEREIRA, 2009, apud BALDESSAR, 2013)

Moacir também informou que a pauta do veículo impresso, jornal "A Semana", por exemplo, foi elaborada a partir da boa notícia que o então presidente poderia trazer com o anúncio da Sidersul ou uma deliberação de verbas. Era uma pauta mais positiva. Algumas matérias de outros jornais já tinham sido encaminhadas com alguns levantamentos de como



seria a usina siderúrgica, por exemplo. No entanto, com a eclosão inesperada da manifestação todo este material preparado acabou sendo desperdiçado, e no início da tarde, a pauta sofreu uma reformulação radical em função dos incidentes.

O jornal "A Semana" foi um dos poucos veículos que conseguiu fazer uma cobertura bem contextualizada e analítica. O repórter, Carlos Damião, comenta sobre as matérias produzidas:

No dia da manifestação, o jornal "A Semana" já tinha uma capa pronta para a edição da primeira semana de dezembro, e as matérias do jornal eram totalmente diferentes. A notícia da visita do presidente iria ocupar somente uma página, mas depois mudou tudo. O jornal publicou oito páginas da cobertura da Novembrada. Então em duas ou três horas nós tivemos que mudar todo o jornal. Apesar disso, cheguei em casa todo machucado, porque a polícia estava batendo com cassetetes em todos na praça.⁹

Os editoriais do eixo Rio - São Paulo foram muito mais contundentes do que a imprensa local, pois o nível de liberdade da imprensa no sudeste era relativamente maior do que em Santa Catarina. Tendo em vista que já tinham uma longa estrada de produção, não teriam sua estabilidade abalada por publicaram uma notícia que narrasse de fato como foi sucedida a manifestação popular em Florianópolis.

No entanto, segundo Beatriz Kushnir, é importante ressaltar que a grande imprensa do sudeste na época da ditadura civil militar estava concentrada em cinco grupos – *O Globo, Jornal do Brasil, Folha, Estadão e Abril* – cada um na mão de uma determinada família. Não há informações exatas sobre a proximidade entre os clãs e os militares, mas a historiadora afirma que o papel jornal era fornecido sob concessão do governo, o grande financiador de propaganda mantenedora dos veículos de comunicação¹⁰.

Essas empresas, em sua maioria, assumiam mais uma postura de conivência do que de resistência em relação a censura imposta pelo governo. Diferentemente da imprensa

⁹ BALDESSAR, Maria José (Santa Catarina). Curso de Jornalismo (Comp.). Cotidiano: UFSC. Projeto de extensão do Curso de Jornalismo da UFSC. **Olhares sobre a Novembrada**, 2009. Disponível em: <<http://antiga.cotidiano.ufsc.br/images/novembrada/>> acessado em 20/10/2013.

¹⁰ KUSHNIR, Beatriz. Idem.



alternativa, pois eram as que mais se posicionavam e protestavam de fato. Por conseguinte, eram as que mais sofriam com a repressão.

Moacir conta que em Florianópolis havia alguns “compromissos” e algumas limitações da própria natureza da cidade, uma capital pequena. Os grandes nomes do colunismo político brasileiro naquela época foram unânimes em dizer que os estudantes agiram de forma correta, e que a população foi corajosa ao se manifestar; um ato patriótico para dizer “basta ao regime”.

CENSURA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

1. TELEJORNALISMO

O Jornal Nacional não veiculou imagens da manifestação de novembro, apenas limitou –se a registrar uma nota lida por Cid Moreira ao final do programa, o que minimizou a dimensão política do protesto. “Em Florianópolis uma meia dúzia de estudantes empanou o brilho da visita do presidente Figueiredo”. As imagens só foram apresentadas mais tarde no Jornal da Globo.

No dia seguinte à Novembrada, pela primeira e única vez na história da TV - Catarinense, o “Jornal do Almoço” não foi ao ar. Segundo Moacir, isso ocorreu porque houve uma forte pressão do governo do Estado e de autoridades federais para que os incidentes não fossem divulgados. Além disso, a emissora tinha sido instalada recentemente, no dia 1º de março de 1979, e o jornal, estreado no dia 5 de novembro do mesmo ano, ainda não tinha abertura política. O jornalista Moacir Pereira foi o único a fazer um comentário sobre a manifestação do dia anterior na TV- Catarinense.

No dia seguinte meu comentário foi muito baseado, eu me lembro que foi um comentário, digamos assim, mais moderado, mais equilibrado que evitou opiniões pra não sofrer também nenhum tipo de repressão ou censura externa e ficou muito na análise a respeito do incidente, dando informações e tentando contextualizar aquela ocorrência envolvendo o presidente da república. A pressão era muito grande, a pressão política inclusive do governo, o próprio governo federal mandou um enviado especial junto com



o secretário do estado no Morro da Cruz pra tentar negociar a divulgação daquele incidente. O momento era um momento muito delicado. Quer dizer, não podia fazer como eu faço hoje. Eu vou pra televisão vou pra rádio e assumo a opinião de todos os companheiros de maneira absolutamente livre, é que atualmente nos temos o regime constitucional, nos temos segurança jurídica. Naquela época não tínhamos segurança política nenhuma. Então tudo era feito com muito cuidado, eu tenho que reconhecer, nós éramos muito mais cautelosos.¹¹

O jornalista Roberto Alves, na época chefe do departamento de Jornalismo da TV Cultura, afirma que a emissora não sofreu nenhum tipo de censura por conta da Novembrada. Lembra apenas do clima de euforia na redação. Alves ganhou carta branca para pôr no ar todo o conteúdo que julgasse relevante. Todos os telejornais concentraram a cobertura nos episódios que envolveram a visita do presidente, a TV Cultura foi a única emissora em Santa Catarina a dar atenção integral ao evento.

Essa cobertura foi muito importante na minha vida como jornalista, principalmente porque naquela época não havia tantas tecnologias quanto hoje. As câmeras eram de filme e algumas não gravavam áudio, mesmo assim nós fizemos um bom trabalho.¹²

2. IMPRESSO

Segundo o repórter do jornal "O Estado", Sérgio Rubim, apesar de terem acompanhado e apurado minuciosamente todos os momentos do incidente, desde a chegada do presidente na Ilha até o conflito com a população, ele e seus colegas de redação foram censurados ao escreverem as matérias.

Tudo o que nós escrevíamos não servia. A direção do jornal junto com o chefe de redação censurava as matérias. Riscavam tudo com caneta vermelha. Nosso texto era, enfim, panfletagem. O jornal era censurado e ele

¹¹ BALDESSAR, Maria José (Santa Catarina). Curso de Jornalismo (Comp.). Cotidiano: UFSC. Projeto de extensão do Curso de Jornalismo da UFSC. **Olhares sobre a Novembrada**, 2009. Disponível em: <<http://antiga.cotidiano.ufsc.br/images/novembrada/>> acessado em 20/10/2013.

¹² BALDESSAR, Maria José (Santa Catarina). Idem



também se autocensurava porque era governista. Nós acabamos não escrevendo nada, eles [direção e chefes de redação] viraram à noite e reescreveram o que aconteceu. Aí veio uma versão... 'oficial', nem me lembro, mas provavelmente chamando os estudantes de baderneiros, entende?¹³

Alguns dias depois os repórteres do “*O Estado*” também cobriram outra manifestação ainda a respeito da Novembrada, mas foram censurados novamente. Sérgio contou que uma semana depois, o governador Jorge Bornhausen mandou um interventor ao jornal para “limpar” a redação.

O “Jornal Santa Catarina” (JSC) também sofreu forte censura do Estado. Moacir Loth, repórter do jornal, foi esbofeteado por um grupo de policiais e precisou ser levado para o hospital.

Eu estava anotando na frente do Palácio Cruz e Souza e eles [os militares] simplesmente me atacaram. Eles me derrubaram, chutaram e tomaram minha prancheta com as anotações, depois alguém me levou para o Hospital de Caridade. E a dor maior não foi a dor física, foi a matéria no dia seguinte dizendo que a atuação da polícia tinha sido exemplar. A matéria foi completamente desfigurada, eles inverteram. Ela dizia uma coisa, o texto que eles colocaram dizia o contrário. Era uma censura muito grande. Quem só leu o JSC achou que o que houve foi uma festa para o presidente em Florianópolis.¹⁴

A saída que os jornalistas do JSC encontraram para divulgar suas matérias foi enviá-las para jornais de outras regiões do país, como norte e nordeste e o eixo Rio/ São Paulo que não puderam enviar seus repórteres. “Nos transformamos em uma espécie de agência e passamos a enviar o material que não saiu. O pessoal ligava pedindo e a gente mandava por telex as matérias. Não jogamos nada fora”, conta Moacir Loth¹⁵

Osmar Teixeira, diretor da sucursal do Diário A Notícia (AN) de Joinville na época, já trabalhava há 10 anos como correspondente do jornal e lembra que no dia anterior ao episódio, todas as empresas de comunicação receberam a visita do secretário de imprensa da Presidência da República, Marco Antônio Kraemer. Na AN, Kraemer ouviu uma sugestão: “Diga para o seu chefe em Brasília (ministro Golbery de Couto e Silva, da Casa Civil) que

¹³ Ibidem

¹⁴ Ibidem

¹⁵ Ibidem



não é oportuna a visita do presidente. Há um ambiente social conturbado, especialmente pelo fato de se estar anunciando a colocação de um busto em homenagem a Floriano Peixoto”¹⁶. No dia da manifestação, Osmar Teixeira lembra-se da sua apuração.

Estava localizado atrás de dois agentes e, em um bloquinho anotei o diálogo dos dois. Só que recordar esse fato é dizer nada, porque essas anotações, que seriam importantíssimas na época e até hoje, se perderam quando nós fomos ao encontro do presidente e dos ministros no Ponto Chic. Lá, fui prensado contra a parede do prédio onde hoje é a livraria catarinense e alguém tomou o meu bloco. Não vi quem foi.¹⁷

Teixeira esclarece, no entanto, que o jornal não sofreu nenhuma censura com a matéria de uma página sobre a manifestação e define a Novembrada como um momento único na história local. “Houve uma mobilização de todos os veículos de comunicação. Tivemos a oportunidade de testemunhar um acontecimento político-social de grande relevância”.¹⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acontecimento da Novembrada foi uma atuação corajosa por parte da população para opor-se ao regime ditatorial, sendo a gota d’água para que o país restabelecesse uma normalidade democrática. A mídia teve um papel fundamental neste contexto, difundindo, quando podia, as insatisfações da população.

Aldo Grangeiro, por exemplo, era editor da TV Cultura em 1979, e afirma que a emissora não sofreu censura. Acredita que a cobertura realizada foi exemplar. O jornalista também destaca a importância da imparcialidade em uma cobertura jornalística. Para ele, o juízo de valor deve ficar por conta do espectador.

Na medida em que a cobertura jornalística reproduz os fatos como eles ocorrem na realidade, sem adjetivação, mostrando o que acontece na história

¹⁶ Ibidem

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Ibidem



ou no dia a dia, ela já cumpre suficientemente com o seu papel, e é essa a nossa função.¹⁹

Por outro lado, alguns veículos não foram imparciais em relação ao protesto. A Rede Globo, por exemplo, apenas veiculou uma nota oficial do Governo Federal no Jornal Nacional. Esta apoiava as ações da força policial e interpretava a manifestação como um movimento anárquico, tendo seus participantes como vândalos.

No entanto, tendo em vista a repressão imposta pelos poderes do Estado, grande parte dos veículos de comunicação sofreram forte censura e não puderam divulgar aquilo que haviam planejado. Alguns enquadramentos de outros meios de comunicação eram ainda mais fieis ao governo, pois os jornalistas responsáveis pela cobertura sofreram com os abusos da ação policial.

É importante frisar que, infelizmente, a configuração atual do sistema midiático não é tão diferente da existente a 50 anos atrás. As empresas de comunicação ainda permanecem sob forte concentração monopólica em torno de megagrupos e dinastias familiares, assim como a subordinação de informações de interesse coletivo a ambições lucrativas e a perda de credibilidade da imprensa²⁰.

A questão é que em um sistema de economia de mercado, como o vigente atualmente, “os meios de comunicação requerem grandes investimentos e um alto grau de industrialização, esse direito só pode ser desfrutado por um determinado setor social”²¹. Os grandes meios de comunicação se tornaram atores políticos fundamentais, eles abusam do seu poder de impacto e abrangência, e utilizam a formação de opinião pública como um elemento essencial para o exercício desse poder de influencia.

A síntese de Edward Said, crítico literário, aparece aqui como uma reflexão e impulso, principalmente aos jornalistas, para que uma reversão do sistema seja feita:

Somos bombardeados por representações pré-fabricadas e reificadas do mundo que usurpam a consciência e previnem a crítica democrática, e é à derrubada e ao desmantelamento desses objetos alienantes que, como

¹⁹ Ibidem

²⁰ MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

²¹ Ibidem, p. 71.



disse corretamente C. Wright Mills, o trabalho do humanista intelectual deve ser dedicado.²²

Said problematiza os discursos hegemônicos da mídia e busca ressaltar a importância da intervenção consciente do pensamento crítico nas ideias, para que os consensos e consentimentos sociais que fundamentam esta hegemonia sejam modificados. Alternativas devem ser discutidas, assim como verdades devem ser ditas ao poder²³. As pessoas devem, ou pelo menos deveriam, se preocupar “o fazer dos dias atuais, com o fluxo informacional do nosso cotidiano, com a forma social que deriva da estrutura midiática e com os corações e mentes que emergem nesse cenário”²⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDESSAR, Maria José (Santa Catarina). Curso de Jornalismo (Comp.). Cotidiano: UFSC. Projeto de extensão do Curso de Jornalismo da UFSC. **Olhares sobre a Novembrada**, 2009. Disponível em: <<http://antiga.cotidiano.ufsc.br/images/novembrada/>> acessado em 20/10/2013.

FICO, Carlos. **Além do Golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Editora Record, 2004.

MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

²² SAID, Edward. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 95

²³ MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: Da concentração monopólica à democratização da informação, 2013, p. 16.

²⁴ Ibidem, p.10



NEDER, Vinicius. **Jornalismo e exclusão social: Análise comparativa nas coberturas sobre crianças e adolescentes.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

PEREIRA, Moacir. **Novembrada: um relato da revolta popular.** 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

MIGUEL, Luis Felipe. **Revolta em Florianópolis: A novembrada de 1979,** Florianópolis: Editora Insular, 1995.

PAREDES, Eduardo. **Novembrada - Curta-metragem catarinense.** Usyna Press Central de Criação, 1988. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=8QyKS6ZTIZg>> acessado em 20/10/2013.

SAID, Edward. **Humanismo e crítica democrática.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Banco de Dados/JSC. **Imagens da Novembrada, especial 30 anos,** 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/28,0,564,17774,1,Imagens-da-Novembrada.html>> acessado em 20/10/2013.

Recebido em 29 de novembro de 2013

Aceito para publicação em 18 de fevereiro de 2014

